

A melhor
História
de todas



U M C O N T O D E
KENYA GARCEZ



A melhor
História
de todas

U M C O N T O D E
K E N Y A G A R C E Z

Copyright © 2019 Kenya Garcez

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, em qualquer forma ou por qualquer meio, sem o consentimento expresso da autora.

A violação aos direitos autorais é crime estabelecido pela Lei nº 9.610/98 e previsto pelo artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos que permeiam a narrativa são produtos da imaginação da autora. Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Edição Digital | Criado no Brasil.

*Para as participantes e administradoras do grupo ODDAL, pelas quais
tenho profundo carinho.*

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Outras obras](#)

[Contato](#)

Capítulo 1

Eu odiava o Leonardo DiCaprio.

Na verdade, odiava um Leonardo DiCaprio bastante específico: o Leonardo do Titanic.

Era por causa daquele puto que Olívia adorava o filme.

Não estávamos na sala da nossa casa, em pleno sábado à tarde, vendo aquela porra pela milésima vez, porque minha esposa gostava de suspirar vendo Jack e Rose se apaixonando a bordo do célebre transatlântico.

Ela gostava de suspirar vendo o Jack, com o cabelo escuro caindo no olho, usando suspensórios e fumando seu cigarro de merda.

Eu era mais jovem que o Jack.

Meu cabelo era mais loiro que o do Jack.

Era. Porque, aos sessenta e três anos, não dava para ser mais novo ou mais loiro que o Leonardo do Titanic.

Mas eu ainda ficava bem de suspensórios. Melhor que ele.

E conseguia cuspir mais alto que o desgraçado.

— Jack, quero que me desenhe como uma de suas francesas. — Rose fez a proposta, e eu soube que, a qualquer momento, Olívia daria um jeito de me tirar da sala.

Ela sempre inventava alguma coisa, no intuito de me impedir de ver a

melhor parte e a única que podia motivar um cara a assistir àquele filme.

— Usando isto — Rose continuou, referindo-se ao colar nas mãos do amante.

— Está bem — ele concordou, admirando o diamante em formato de coração.

— Usando *somente* isto. — A mulher foi mais clara, e os olhos dele se voltaram para ela.

— Lindo, estou morrendo de sede. Você pode pegar um copo de água pra mim? — minha esposa pediu. — Aliás, estou com vontade de tomar uma limonada... — acrescentou, curvando a boca carnuda em um de seus sorrisos irresistíveis.

Eu a amava demais. E, por ela, faria qualquer sacrifício. Inclusive me levantar e me privar de ver os peitos da Kate Winslet.

— Eu faço para você, minha linda. — Dei um beijo em seus lábios, fiquei de pé e fui para a cozinha.

Comecei a espremer os limões. Adicionei água, gelo e... esperei.

Pelos meus cálculos, a cena ainda não havia acabado.

De braços cruzados, escorado na ilha, eu observava, pelas portas amplas que davam acesso ao jardim, outras residências do condomínio. Algumas das que ficavam na nossa rua pertenciam a membros de nossa família. Morávamos ali há anos, todos juntos.

Acima dos telhados altos, nuances de amarelo e tons de rosa formavam um degradê meio alaranjado, que escoava na linha do horizonte, por detrás das montanhas longínquas.

— Lindo! Ana acabou de ligar. — Olívia entrou de repente, e eu me virei. — Ela e Luís vão a uma cerimônia de casamento daqui a pouco e, à noite, tem a festa...

— As crianças vão dormir aqui? — perguntei, animado.

Amava meus netos. E eles me adoravam. Eu era o avô favorito de todos.

— Vou sair para comprar sorvete! — Beije a testa de minha esposa e, minutos depois, estava na sorveteria, escolhendo os sabores favoritos de cada um.

Leona gostava mais de creme e chocolate. Luan preferia maracujá. E o predileto de Laís era baunilha.

Acrescentei um pote de morango à compra e voltei para casa com cinco. Quatro para os nossos netos e um para a avó mais linda de todas.

Quando cheguei, eles já estavam à espera.

— Vovô! — O trio correu até a porta, atacando minhas pernas com abraços apertados.

Ao olhar para baixo, eu me deparei com três cabeças erguidas e três sorrisos infantis.

Aos oito anos, Leona era a mais alta. Seus fios lisos e escuros estavam soltos, roçando os ombros. A franja que ela mesma havia cortado tinha sido ajeitada por um cabeleireiro e já estava quase cobrindo as sobrancelhas.

Luan era um ano mais novo, e seu cabelo loiro exibía um corte idêntico ao meu. Frequentávamos o mesmo barbeiro, para o desgosto de Piolho, meu melhor amigo e avô paterno das crianças.

Tudo o que ele queria era que nosso neto deixasse o cabelo crescer e ostentasse madeixas compridas que combinassem com seu “cabelão”.

Mas era Laís, a caçula, que tinha os fios longos e dourados. Estavam repartidos ao meio e presos em duas marias-chiquinhas.

Quando mostrei os potes de sorvete, fizeram uma festa.

— Minha calda vai ser de chocolate! — Leona passou a língua no lábio superior.

— Eu vou querer de limão! — Luan declarou, manifestando sua conhecida preferência por frutas cítricas.

— Tem cerejinhas? — Os olhos de Laís cintilaram.

— É claro que tem, minha lindinha! Acha que o vovô não ia se lembrar das suas cerejinhas? — Segurei a mão dela. — Vem, vamos pegar tudo lá na cozinha.

— Quem chegar por último é a mulher do padre! — Leona disparou.

Luan saiu correndo atrás e, soltando um gritinho, Laís largou minha palma e se juntou à corrida.

Olhei para Olívia e percebi que estava tentada a ficar e terminar de ver o filme, que havia sido pausado em uma cena crucial: Rose com o machado na mão, na tentativa desesperada de salvar o desgraçado do Jack.

Mesmo sabendo qual era o fim, minha esposa sempre torcia, em vão, para que o casal escapasse do naufrágio com vida.

Mas Jack Dawson morreria em breve.

Que pena.

— Pode continuar assistindo, linda. Eu cuido das crianças.

— Tá! — E pulou no sofá, pegando o controle e dando o *play*. — Quando terminar aqui eu vou... — começou, mas sua atenção se fixou na tela. — Vai, Rose! Pelo amor de Deus! Quebra logo essas algemas, minha filha!

Sorrindo, deixei a sala e, quando encontrei meus netos, Leona já estava abrindo os armários que conseguia alcançar.

— Tem granulado, vovô?

— Do coloridinho? — O pulo animado de Laís balançou as mechas de seu penteado.

— Tem de todos que vocês gostam. — Estiquei o braço, abrindo a porta acima de sua cabeça e pegando alguns pacotes. — Aqui, minhas lindinhas. Mas quero lembrar que nenhum de vocês pode...

— Subir nos móveis para pegar coisas no alto. — Os três declamaram ao

mesmo tempo, em uma entonação enfadonha.

— Exatamente. — Reprimi o riso, fazendo minha usual expressão de avô sério. — Agora, quem quer me ajudar a colocar os sorvetes?

— Eu! Eu! Eu! — Três bracinhos se ergueram.

Com toda a ajuda que tive, logo enfeitamos as taças de sabores diferentes e fizemos uma bagunça na bancada, cuja sujeira se estendeu para o piso.

— Só podemos tomar o sorvete depois que arrumarmos tudo — comuniquei, em um tom solene.

— Mas vai derreter, vovô! — Laís choramingou.

— Então temos que arrumar rápido! O último a terminar não vai poder repetir! — incentivei, porque não ia limpar tudo aquilo sozinho nem por um caralho.

Peguei o material de limpeza e designei o trecho de cada um, dividindo o mármore melecado e a parte suja do assoalho em quatro partes.

— Todos prontos? — indaguei, quando cada um tomou sua posição.

— Siiiiiiiiiiiiiiiiim! — bradaram em uníssono e extremamente entusiasmados.

Eu era mesmo a porra de um gênio. Conseguia transformar uma lição em diversão! Apenas o melhor avô do mundo conseguiria tal feito.

— Valendo! — Dei o grito e, ao mesmo tempo, comecei a esfregar o pano na minha área de trabalho com uma lentidão premeditada.

— Eu vou ganhar! Vou ser a primeira! — Leona começou a cantar vitória.

— Eu que vou! — Os bracinhos magros de Luan se moviam depressa.

— Espera, sorvetinho! Não derrete! — Laís se esforçava para limpar sua parte enquanto os compridos rabos-de cavalo variam os grudes de calda caramelizada.

Fiz uma anotação mental. Cortar as pontas de seu cabelo mais tarde, para

eliminar a prova do crime.

— Terminei! — Quase furando meu olho, Leona levantou o braço.

— Eu que terminei primeiro! — Luan fuzilou a irmã.

— Eu fui a última? — Laís fez uma carinha de choro.

— Eu que fui o último, minha lindinha! Olha, não consegui terminar. — Mostrei as manchas açucaradas, não muito diferentes das que eu podia ver por todo o balcão.

Os pilantrinhas tinham limpado que nem os próprios narizes!

Mas tudo bem. O importante era o ensinamento. Eu daria um jeito naquilo tudo depois. De preferência, antes que Olívia visse aquela baderna!

— Vocês ganharam! Só eu não vou poder repetir. — Simulei tristeza.

— Você é mais lento porque é idoso, vovô! — Leona, a sabichona que chamo de neta, deu seu veredicto.

— Você é mais lento porque é idoso, vovô — arremedei, fazendo caras e bocas que provocaram risadas. — Eu sou velho, por acaso? — Soltei um berro.

— Nãããããããããã! — A ironia tripla não me agradou.

— Tomem logo, antes que eu me arrependa! — Peguei as taças de plástico e fui colocando diante deles.

— Não fica bravo, vovô. Eu te dou um pouquinho do meu sorvete. — Laís sorriu com doçura, e sua inocência infantil aqueceu meu peito. — Mas só um pouquinho mesmo, tá? Um tiquinho assim. — Pegou a pequena colher cor-de-rosa e melou a ponta com uma quantidade de sorvete insuficiente até para um filhote de formiga.

— Tem certeza de que não vai fazer falta, minha lindinha? — Não contive o sarcasmo.

— Vai. — Ela foi sincera. — Vai fazer muita falta, porque eu amo

sorvetinho de baunilha. Mas amo mais o meu vovô. Olha o *aviãozinhoooooooooo*! — E, enquanto levava a colher à minha boca, foi emulando o típico barulho de uma aeronave.

— Hum... Você tem razão em gostar tanto! É realmente muito bom... — comentei, depois de engolir.

Laís arregalou os olhos, revelando o medo de eu decidir tomar tudo.

— Mas eu prefiro o de morango, que nem a sua avó — completei e quase gargalhei ao ver sua expressão aliviada. — Falando nisso, vou levar um pouco para ela. Enquanto faço isso, vocês vão ficar aqui quietinhos tomando o sorvete?

Três cabeças se moveram simultaneamente, as bocas ocupadas demais para emitirem uma resposta verbal.

— Já volto — avisei, após colocar um pouco para Olívia.

Ao chegar à sala, eu a encontrei em prantos.

O navio estava afundando.

— Aqui, linda. — Sentei-me ao lado dela, oferecendo a taça. — Não chora, senhorita Olívia. — Passei o polegar em sua face.

— Daqui a pouco o Jack vai m-mor...rer. — Soluçou, aceitando a oferta e enfiando uma colherada na boca. — Ele vai congelar em uma água muito mais gelada que sor...vete. — Chorou mais um pouco.

Suas lágrimas sempre me comoviam, e eu acabava me esquecendo do ódio gratuito que nutria pelo sujeito.

— Olívia, não fica assim, é só um filme — consolei, afagando seu cabelo.

— Baseado em fatos reais — choramingou.

— Baseado. Não foi exatamente assim que as coisas aconteceram. Para começar, o Jack da vida real devia ser mais feio que a desgraça. E não apenas feio, como o Leonardo DiCaprio.

Ela riu, tomando mais um pouco de sorvete.

— Eu te amo, cretino. — Olhou em minha direção.

— E eu te amo mais. — Abri um sorriso, apreciando todos os detalhes que compunham sua beleza.

Seus dedos puxaram meu pescoço, e lábios frios tocaram os meus. Nossas línguas se enlaçaram, e o gosto de morango alastrou-se pela minha boca.

O ritmo lento logo seguiu a cadência desenfreada do meu coração.

Estávamos juntos há trinta e cinco anos e todos os nossos beijos tinham a intensidade do primeiro.

Meu corpo reagia da mesma forma, desde sempre. Vivia ansioso pelo dela.

Mas eu estava cuidando dos nossos netos e não podia ficar ausente por muito tempo.

Então, não tardei a voltar para a cozinha.

Luan, Leona e Laís permaneciam sentados em suas banquetas. As taças, já vazias, tinham sido substituídas pelos potes praticamente cheios. Os três enfiavam as colheres no interior, tomando o sorvete com uma alegria patente.

Ao ouvirem meus passos, viraram os rostinhos culpados. O motivo estava espalhado nas bocas e bochechas lambuzadas.

— Meu Deus. — Foi tudo o que escapou da minha garganta, junto com uma risada.

— Laís me obrigou a abrir o congelador, vovô! — O indicador de Leona apontou a irmã caçula.

— Mentira, mentirosa! Foi você que falou pra gente pegar mais! — A pequena fez uma careta irritada.

— Eu falei que vocês podiam repetir uma vez só. Se tomarem tudo isso, vão ter dor de barriga! — Venci a distância, aproximando-me deles.

— Ah, deixa a gente tomar mais, vovô? — Luan pediu.

— Por favor? — As mãos grudentas de Leona se juntaram em um sinal de súplica.

— Por favorzinho? — Laís imitou o gesto.

— Tá, eu deixo — concordei. — Mas só mais um pouco! E vamos tomar lá fora, pra sua avó não ver!

Olívia vivia me dizendo que eu não deveria fazer todas as vontades dos nossos netos.

E ela estava certa.

Porém, quem poderia negar alguma coisa para aqueles anjinhos de olhinhos brilhantes?

— *Ebaaaaaaaaaaaaaa!* — A comemoração foi efusiva.

— Vamos, me ajudem a levar os potes! — recrutei.

Fomos para o jardim frontal, que era, modéstia à parte, o mais bonito de toda a vizinhança. Excepcionalmente verde, bem cuidado e ornamentado pelas rosas que eu mesmo plantava e pelas quais tinha profunda paixão.

Dali, podíamos ver várias casas do condomínio, inclusive a de Piolho, que ficava bem ao lado da minha.

O que ele estaria fazendo naquele momento?

Provavelmente, estava transando com Maria Luísa, enquanto eu corria risco de morte ao permitir que nossos adoráveis netos tomassem aquela quantidade exorbitante de sorvete.

Mas tudo bem. Enquanto o puto se divertia, eu divertia as crianças, alegrando-as com a minha benevolência ilimitada e consolidando a minha posição como o avô favorito de todos.

— Conta uma historinha enquanto a gente toma, vovô? — Laís pediu, lambendo a colher.

— Claro, minha lindinha! Que tal João e Maria? — propus, certo de que a

moral da história serviria para fazê-los parar de tomar sorvete quando eu chegasse à parte em que, por se empanturrarem de doces, os irmãos eram aprisionados pela bruxa que comia crianças.

— Tá, pode ser! — ela aceitou, sem fazer ideia de qual era a minha real intenção.

Limpei a garganta, preparando-me para dar início à narrativa.

— Era uma vez dois irmãos. João e Maria. O pai deles era um lenhador, que morava com os filhos e sua esposa em uma cabana humilde, feita de madeira e localizada em uma flo...

— Mano do céu! — A cabeça de Piolho me interrompeu, surgindo acima da trincheira de roseiras que separava as duas construções vizinhas.

— Vovô! — As crianças acenaram.

— Que sacanagem é essa, meu? — Ele forjou um semblante decepcionado. — Cês tão tomando esse tantão de sorvete e nem me chamaram?

— Fala baixo, Quenga! — rosnei.

— Ah, cês tão tomando escondido de Olívia, né, Putão? — Ele riu e começou a caminhar, com destino à entrada da minha casa.

Assim que chegou ao jardim, nossos netos se levantaram para abraçá-lo.

— Eu te dou um pouquinho do meu, vovô! — Laís voltou a se sentar.

Luan e Leona fizeram o mesmo. Então, a caçula agarrou a colher, enfiou a extremidade no pote e ergueu o braço, mostrando a mesma quantidade ridícula que me oferecera.

— Toma. É de baunilha!

— Só isso? — Piolho abaixou-se, acomodando-se no gramado. — Deixa de ruindade, mano! Eu vou querer um montão, tá ligada?

— Ah, não, vovô! É tudinho meu! — O talher mergulhou na alva massa gelada e retirou uma porção generosa, que ela abrigou na boca miúda,

desfrutando da iguaria com evidente satisfação.

Piolho olhou para mim, e eu o encarei de volta.

Nós dois sabíamos que uma atitude mais enérgica precisava ser tomada. Mas nenhum de nós estava disposto a ser o monstro que tiraria o pote de sorvete daquelas mãos pequeninas.

— Putão, daqui a pouco a mina tá cagando até pelo nariz, mano — ele cochichou. — Vai, toma o pote dela.

— Toma você! — devolvi.

— Foi você que deu pra ela! — ele retrucou.

— Algo que só o seu avô favorito faria, né, minha lindinha? — Afaguei seu cabelo.

Laís ergueu o rosto melado e balançou a cabeça afirmativamente, de forma enfática.

Lancei para Piolho um sorriso vitorioso.

— Toma vergonha na cara, Putão! *Cê* vai deixar a bichinha ter caganeira só pra ganhar a disputa dos avôs? Tá beleza, então. Mas, quando ela estiver toda suja de bosta, *cê* que vai limpar, tá ligado? — Ele deu uma risada.

— Não vou precisar limpar nada. Veja e aprenda. — Clareei a garganta. — Querem que eu continue a historinha?

— *Siiiiiiiiiiiiim!* — Um coro animado cortou o ar.

Observei as três faces radiantes, que, a cada colherada, ficavam mais lambuzadas.

Definitivamente, eu precisava chegar logo à parte em que João e Maria encontravam a casa feita de doces e se empanturravam até serem pegos pela bruxa.

— O lenhador e sua família eram muito pobres e, naquela época, as coisas pioraram ainda mais. Não havia pão para todos. — Continuei contando, até

chegar ao momento desejado. Então, finalizei: — E é isso o que acontece quando crianças comem doces demais.

— Bruxas pegam elas? — Os olhos de Laís arregalaram-se.

— Bruxas que comem crianças — ressalttei.

Minha neta fez uma carinha de choro, empurrando o pote de sorvete para longe.

Leona largou a colher, nitidamente assustada.

— A bruxa prendeu justo o menino! — Luan comentou, amedrontado.

Eu devia ser um péssimo avô, porque as inocentes feições apavoradas me deram uma puta vontade de gargalhar.

— *Cê vai pro inferno, Quenga.* — Piolho falou em voz baixa, rindo.

Eu iria, com toda certeza.

Mesmo assim, não pude deixar de tranquilizar meus netos.

— Não se preocupem, porque nenhum de vocês come doces até passar mal, não é verdade? — perguntei, e os três assentiram. — Além disso, vô Piolho e eu sempre protegeremos vocês de todas as coisas ruins do mundo. Até das bruxas más.

— Promete, vovô? — Chorosa, Laís se levantou e se sentou entre nós dois.

— Claro que prometo, minha lindinha. — Beije o topo de sua cabeça, aspirando o cheiro suave dos fios.

— Promete também, vovô? — Buscou os olhos de Piolho.

— *Cê tá segura pra sempre com a gente, Laisona.* — Tocou a ponta do nariz dela, provocando uma risadinha infantil. — Vô Max e eu nunca deixaremos nada de ruim acontecer com nenhum de vocês. Nós somos super-heróis, saca? As bruxas, monstros e bichos-papões têm *mó* medo da gente!

O alívio instantâneo que alterou o semblante dos três me deixou emocionado e extremamente feliz. Saber que nossos netos confiavam na

nossa capacidade de protegê-los era a melhor das sensações. Eu me sentia mais invencível que a porra do homem de aço.

Piolho e eu vivíamos brigando pelo posto de avô favorito. Mas a verdade é que só éramos os avôs que éramos porque tínhamos um ao outro. E era uma honra poder dividir o meu maior tesouro com o meu melhor amigo.

— Agora conta uma historinha feliz, vovô? — Leona pediu.

— Uma historinha legal! — Luan emendou.

Foi quando eu tive a ideia de contar a melhor história de todas.

Capítulo 2

A melhor história de todas é a história de como Piolho e eu nos tornamos melhores amigos.

Obviamente, precisei contar uma versão um pouco diferente para as crianças.

Iniciei dizendo que o que impulsionou a nossa amizade foi uma revista bastante conhecida.

A Play... toy.

Curioso, Luan quis saber sobre o que era a famosa *Playtoy*.

É claro que respondi que era sobre peladas... de futebol.

Quando meus netos tivessem idade suficiente, eu contaria a história sem cortes e adaptações, do jeito que realmente aconteceu.

Piolho e eu tínhamos treze anos quando nos vimos pela primeira vez.

Eu ganhara uma bolsa integral para estudar na escola particular mais conceituada da cidade e de toda a região.

Meu pai era um prestigiado advogado, filho de um juiz de Direito e descendente de alemães. Desde a infância, eu estava acostumado a um padrão de vida alto, considerado pela maioria das pessoas um grande privilégio.

Mas o colégio dos meus sonhos, que abriu suas portas para mim naquele

verão, estava em outro patamar. Apenas filhos de grandes empresários, nascidos em famílias riquíssimas e tradicionais, podiam frequentá-lo.

Um rigoroso processo seletivo anual possibilitava a entrada de um aluno, que, para conquistar a vaga, precisava eliminar uma concorrência absurda.

As provas variavam de acordo com o grau de escolaridade, mas, na última etapa, a maior pontuação, dentre os todos os concorrentes, levava a bolsa.

Naquele ano, eu fui o aluno chamado para efetuar a matrícula.

Meu pai e meu avô não couberam em si mesmos, de tanto orgulho. E eu fiquei muito feliz pela conquista pessoal e por deixá-los tão orgulhosos.

Foi foda me despedir dos meus amigos do colégio antigo. Mas minhas ambições precisavam me tirar da zona de conforto para que eu alcançasse os voos que pretendia.

— Ansioso para a primeira aula na escola nova? — papai investigou, sentado na ponta da mesa comprida, repleta de pães, frutas, bolos e afins.

— Mal posso esperar! — Mirei o relógio no pulso, constatando que ainda faltava meia hora para sairmos de casa.

— Quer suco de abacaxi com hortelã, Max? — Lídia se aproximou com uma jarra.

— Por favor, Lili. — Aceitei, e o líquido amarelo-esverdeado encheu o copo. — Obrigado. — Abri um sorriso.

Ela sorriu de volta, afastando-se para servir minha irmã.

Susanne era três anos mais velha que eu e, naquela época, estava animada com sua festa de quinze anos, que estava sendo planejada.

— Papai... O que acha de eu convidar Plínio para dançar a valsa comigo? — perguntou, com os olhos fixos na torrada que recebia uma camada de geleia de amora.

— Sabe que gosto muito de Plínio e de Tito, Suze. — Papai se referiu aos filhos de Mariano Theloni, seu melhor amigo. — Mas Plínio tem dezoito

anos, querida. Já está na faculdade. E o curso de Medicina é integral. Provavelmente, ele não terá tempo para os ensaios.

Naquela ocasião, pensei que ele estava dizendo, de um jeito cauteloso, que um rapaz daquela idade não ia querer dançar com uma menina que considerava jovem demais. Uma criança, praticamente.

Porém, papai era um homem vivido. Com certeza sabia que o desgraçado estava de olho em Suze.

Aos treze anos, apesar de me achar muito adulto, eu era tolo demais para perceber isso.

Se fizesse ideia das intenções de Plínio, que sempre considerei como a um irmão mais velho, meu edredom do Homem-Aranha não teria ficado à mercê das consequências de minha ingenuidade. E, em vez de passar cada segundo da festa de olho na irmã de Piolho, eu teria vigiado a minha própria irmã.

Mas as coisas aconteceram como tinham que acontecer. E, hoje, consigo me sentir grato pelo fato de que, naquela noite, Suze perdeu a virgindade com ele.

Plínio sempre foi uma das pessoas que mais admirei na vida. E minha irmã não poderia ter escolhido alguém melhor.

A minha escolha, por outro lado, não foi tão acertada.

Vi Adriana pela primeira vez no mesmo dia em que conheci Piolho.

Meu pai tinha acabado de estacionar o carro na porta do meu novo colégio.

Enquanto desafivelava o cinto de segurança, avistei a garota que saía do banco de trás da Mercedes parada em frente e fiquei momentaneamente hipnotizado.

O cabelo longo, de um castanho quase dourado, reluzia ao sol. A camisa branca do uniforme ressaltava os seios volumosos, e o tecido era tão alvo quanto seu sorriso. A barra da saia pregueada cobria metade das coxas, e as pernas compridas e bronzeadas a levavam na direção dos portões.

— Max? — O chamado de meu pai pôs fim ao instante contemplativo. — Cuidado, garoto... — Havia censura e, também, uma nota de diversão em sua voz. — Ainda é muito novo para esse tipo de coisa. Por enquanto, foque apenas nos estudos, certo?

Assenti, pegando a mochila acomodada aos meus pés.

— Tchau, pai. — Joguei a alça no ombro.

— Tchau, filho. — Ele puxou minha cabeça e deu um beijo no topo.

— Ah, pai! Não faz essas coisas na porta da escola! — resmunguei.

Ele riu e me olhou de um jeito que eu só entenderia muitos anos depois.

— Está crescendo rápido demais, Max...

— Não vejo a hora de ser adulto! — exclamei, em uma manifestação clara da típica insipiência adolescente.

— Vai devagar, garoto. — Ele agitou os dedos no meu cabelo, desordenando as mechas frontais. — Seu velho pai não está pronto para isso.

— É melhor se preparar, velhote! — Com um sorriso provocativo, saltei do carro, sem saber que ele não me veria alcançar a maioridade.

Dei alguns passos, passando a mão nos fios, para ajeitar o topete, e me virei.

— Boa aula! — Papai bateu a mão.

— Valeu, pai! — Retribuí o aceno e, sem fazer ideia de que, dali a quatro anos, eu o perderia, cruzei a entrada do colégio.

Cumprimentei os funcionários que estavam na portaria e, no leitor biométrico da catraca, inseri minha digital, que havia sido colhida e registrada no ato da matrícula.

Então, me juntei ao aglomerado de alunos que perambulavam pelo pátio.

Olhei ao redor, em busca da garota que havia visto há poucos minutos, mas não a encontrei em lugar algum.

Ela parecia ser um pouco mais velha que eu. Provavelmente, tinha mais ou menos a idade de minha irmã, o que significava que não seríamos colegas.

Mas tudo bem, porque, ao fazer uma rápida análise, notei que ela não era a única menina bonita da escola. Havia um monte!

Admirando a paisagem, fui caminhando pelos corredores até chegar à ala que havia visitado alguns dias atrás.

Logo cheguei à sala 7A. Atravessei a porta e observei as pessoas que já estavam ali.

Grupos entrosados espalhavam-se pelos cantos, permeando o ambiente de conversas, abraços e risadas.

Era fevereiro e início do ano letivo, mas dava para perceber que todos os alunos se conheciam desde os anos anteriores. Eu era o único novato.

Quando um dos garotos me viu parado no batente, fez um meneio em minha direção, alertando os demais integrantes da roda, que se viraram para me encarar.

Eu não era tímido e não tinha dificuldade para fazer amizades, mas fui acometido por uma onda de insegurança.

O que estariam pensando a meu respeito?

Estava muito longe de ser pobre. Porém, para adolescentes nascidos em berços de ouro, era exatamente o que eu era.

Meu pai tinha conversado comigo a respeito e dito que, embora fosse importante almejar grandes glórias, o que alguém tinha de mais valioso eram os próprios valores e qualidades que dinheiro nenhum era capaz de comprar. E que eu deveria me orgulhar por ser quem eu era.

— Bom dia! — saudei, disposto a não permitir que nenhum deles me intimidasse. — Meu nome é Max Vetter. Sou o novo colega de vocês.

— Bom dia, Max... — Apenas as meninas responderam, entoando juntas em uma mesma entonação.

Pareciam... admiradas.

Os caras continuaram quietos, meio ressabiados.

Apenas um deles se aproximou.

— Não pense que só porque conseguiu a bolsa você é o mais inteligente da sala, novato — falou, com ostensivo desprezo.

— Nem você, né, Alexandre? — Uma das garotas riu, em zombaria.

— Minhas notas estão entre as maiores da sala! — Foi para mim que ele estreitou os olhos.

— As maiores de verdade são as do Espinhento! — outra menina contou. — Mas você vai ultrapassá-lo, não vai, gatinho? — Piscou para mim.

Eu não fazia ideia de quem era o tal do Espinhento. No entanto, a minha meta de ser sempre o melhor aluno da classe, que eu havia estabelecido desde o começo da minha vida escolar, tinha acabado de receber um incentivo extra. Dois, na verdade.

— Com toda certeza. — Abri um sorriso para ela, com o olhar fixo no duplo volume ocultado pela camisa de seu uniforme.

Como seria tocar neles? Que textura teriam?

Desde que encontrara o esconderijo de papai, eu sabia exatamente como eram os peitos de uma mulher. Faltava, apenas, experimentar. E eu estava louco pela chegada desse grande momento.

— Meu nome é Daniela — a garota sussurrou, ao passar por mim.

Girei o pescoço, vendo-a caminhar lentamente até seu assento.

A bunda arrebitada na saia provocou um inchaço imediato dentro da minha calça.

A fim de evitar um flagrante constrangedor, rapidamente contemplei o espaço, vasculhando as carteiras à procura de alguma que não estivesse ocupada por uma mochila.

Assim que encontrei um lugar vago, apressei-me rumo à cadeira. Quando a alcancei, coloquei minhas coisas sobre a mesa e, no instante seguinte, alguém fez o mesmo.

Atônito, mirei a mochila que, segundos antes, não estava ali.

Olhei para o lado e me deparei com um sujeito tão alto quanto eu, mas muito diferente de mim.

Era bem magro, e o cabelo liso e castanho-claro definitivamente precisava de um corte. E de um pente. Não era curto, como o meu, mas também não era comprido. As pontas desalinhadas tapavam o início das orelhas de um jeito bizarro.

E essa nem era a pior parte. O rosto dele estava repleto de bolotas avermelhadas.

Não precisei raciocinar muito para concluir que estava diante do famoso Espinhento.

— Vaza do meu lugar, mano. — Seus olhos meio verdes e meio azuis me fuzilaram.

— Eu cheguei primeiro. — Retribuí a hostilidade.

— Por acaso eu perguntei quem chegou primeiro? Falei pra vazar do meu lugar. — Ele se manteve irredutível.

Um burburinho revelou que éramos alvos da atenção dos nossos colegas.

Relanceei o recinto e nos vi cercados pela plateia.

— Seu lugar? — Estiquei o pescoço, fingindo averiguar o tampo imaculado. — Engraçado... Não estou vendo o seu nome escrito na carteira. — Mostrei um sorriso debochado.

Sem aviso, ele abriu um dos bolsos de sua mochila e pegou uma caneta hidrográfica preta. Jogou as duas mochilas no chão e escreveu um “LUCAS” que ocupou toda a superfície branca.

— Pronto. Agora *cê* consegue ler meu nome no *carai* da mesa? — Soltou

um berro na minha cara.

— Que nome? — Escarrei, dei uma cuspidinha no tampo e apaguei aquela merda.

Então, tomei a caneta da mão dele, sentei-me na cadeira e escrevi “MAX”, forçando a ponta para engrossar e destacar as letras.

— E agora? Consegue ler o meu, seu porra? — Passei um traço abaixo do nome.

— Ah, então *cê* é dos que cospem... Tinha *mó* cara de que engole! — Seus dedos se fecharam em minha nuca, em um ruidoso pescotapa.

Gargalhadas ecoaram pela sala.

— Filho da puta! — Afastei a mesa, fiquei de pé e dei um empurrão no moleque.

Ele esbarrou nas carteiras da fileira oposta, e o estrondo das pernas de metal deslizando no assoalho lustroso reverberou no ambiente.

— Briga! Briga! Briga! — Um coro majoritariamente masculino começou a incentivar.

Meu concorrente se reergueu e me empurrou de volta. Iniciamos a luta, e os colegas que gritavam por mais se tornaram meros borrões.

— O que está acontecendo aqui? — Uma voz adulta sobrepujou todas as outras.

Não me dei o trabalho de olhar na direção do recém-chegado. Estava ocupado demais distribuindo e retribuindo chutes e socos.

— Parem agora! — o homem ordenou, os braços me impelindo para um lado e impulsionando o corpo de meu oponente para o outro.

Depois de nos separar, lançou-nos um olhar acusatório. Ao mirar meu rosto, suas sobrancelhas se uniram.

— Presumo que seja o bolsista. — Fez uma pausa, balançando a cabeça

em reprovação. — Sou Aurélio Renné, seu professor de Língua Portuguesa. Parabéns, Max Vetter. Vai conhecer o diretor no seu primeiro dia. — A entonação irônica não passou despercebida. — E você, Lucas... — Virou-se para o outro, visivelmente decepcionado.

— Foi ele que começou, professor! — o desgraçado me acusou.

— Ele me bateu primeiro! — devolvi. — Todo mundo aqui está de prova!

— Mentira. Foi você que começou, novato. — Alexandre se manifestou.

— Mentiroso! Quem começou foi o Espinhento, professor! — Daniela me defendeu.

— Não importa quem começou. Vão os dois para a diretoria! Peguem as mochilas e venham comigo. — A austeridade não deixou margem para titubeações. — E vocês, sentem-se, abram o livro na página sete e comecem a ler. Quando eu voltar, iniciaremos a matéria. — E começou a andar.

Durante o percurso até a sala do diretor, eu fuzilava meu novo e mais odiado colega.

Ele fazia o mesmo.

Pelas costas do professor, nós nos comunicávamos por meio de gestos obscenos.

Assim que chegamos, Aurélio Renné nos deixou sentados na sala de espera e entrou para conversar com o mandachuva do colégio.

No mínimo, levaríamos uma suspensão.

Meu pai ficaria desapontado comigo, mas não me bateria. No máximo, me deixaria de castigo. Provavelmente, sem vídeo game. Sem violão. Sem revistas em quadrinhos.

Pelo menos, ele não me privaria das revistas que mais importavam, porque sequer sabia que eu tinha acesso a elas.

Naquela manhã, eu tinha colocado todas na mochila, não tinha?

Após o café, eu subira até o quarto e...

Sim. Definitivamente, elas estavam ali, a salvo comigo.

Quando saía, evitava deixá-las em casa. Morria de medo de meu pai encontrar meu esconderijo e confiscá-las. Existia, também, a possibilidade de Lili descobrir. Ou Susanne!

Não podia arriscar.

Peguei a mochila que tinha jogado no chão e abri o zíper do maior compartimento. Espiei o interior, confirmando que estavam em segurança, ocupando todo o espaço e sem adicionar um peso extra aos meus ombros.

Felizmente, não precisava de cadernos, porque nunca anotava nada. Eu simplesmente prestava atenção às aulas. E fazia anotações mentais. Meu cérebro funcionava à base de mnemônica. Palácios de memória eram a minha técnica favorita.

Tal habilidade veio muito a calhar quando encontrei o cofre de papai.

A princípio, o que me estimulou a tentar abri-lo foi mera curiosidade.

O que ele guardava ali dentro?

Um menino de doze anos jamais sossegaria até descobrir.

Tentei algumas senhas óbvias. O aniversário dele. O meu. A data de nascimento de Suze. A de vô Franz. E, então, a de mamãe.

Não obtive sucesso de primeira. Mas tinha a impressão de que estava no caminho certo.

Papai era apaixonado por ela. E eu sabia disso porque pronunciava o nome “Marissa” de um jeito diferente. Parecia imerso em um mundo de sonhos nostálgicos. E, sempre que evocava a esposa, eu via em seus olhos marejados uma saudade que não conseguia entender, mas que era dolorosa o bastante para fazer Hans Vetter chorar.

Minha mãe havia morrido pouco depois que eu nasci, e minhas lembranças maternas se limitavam ao rosto bonito e feliz que eu via nas fotografias dos

nossos álbuns de família.

Para encontrar o código, precisei alterar a ordem de alguns números. E, quando finalmente consegui abrir o cofre, encontrei algumas coisas. Em sua maioria, documentos que não entendi muito bem, além de pastas e papéis intermináveis.

Estava quase desistindo de encontrar algo interessante quando achei o verdadeiro tesouro bem no fundo, dentro de uma caixa.

Aquela foi a primeira vez que eu vi uma mulher pelada. Gostei muito, muito mesmo, daquelas imagens. Escolhi cinco revistas aleatórias, enfiei debaixo da camiseta, fechei o cofre, deixei o escritório e corri para o meu quarto.

Trancado lá dentro, folheei tudo com calma.

Não sei como não entrei em coma naquela tarde.

Depois daquele dia, eu sempre voltava lá. Fui trocando as revistas até ter visto todas. Não demorou muito para que elegeisse as minhas preferidas, que, além do conteúdo, tinham capas espetaculares.

Às vezes, quando eu queria usá-las, meu pai estava em casa. E, quando estava em casa, o velho geralmente ficava no escritório, rodeado de processos e impedindo o meu relaxamento.

Para facilitar minha vida, decidi manter as minhas cinco revistas favoritas no meu quarto. Como não tinha um cofre para escondê-las, sempre que possível, eu as mantinha comigo.

— O que é isso aí, meu? — Um pescoço esticou-se e a cabeça quase caiu dentro da repartição aberta.

— Nada! — Afastei o torso, abraçando minha preciosa mochila.

— Mano do céu! Eu vi uma mina e um... peito! — Ele arregalou os olhos.

— Fala baixo, caralho! — rosnei, puto.

— Véi, isso é uma... *Playboy*? — Sua expressão denotou interesse.

E quem não ficaria interessado?

— Não — vociferei.

— *Carai*, mano, deixa eu ver? — pediu, babando feito um cachorro desgraçado.

— Sai pra lá, porra! Não vai ver nenhuma! — Distanciei-me um pouco mais.

— Tem mais de uma? — Felicidade alastrou-se pelas feições do moleque.
— Mano de Deus, não brinca com meu coração, *vêi*! Por tudo que é mais sagrado, me deixar ver!

— Eu já falei que não — recusei veementemente.

— Só uma, então. O que que custa, *carai*? *Cê* tá me devendo, tá ligado? Por sua causa, agora eu tô queimado com o professor da minha matéria favorita, saca? E vou levar uma suspensão. Meu velho vai me matar. O mínimo que *cê* pode fazer é me deixar ver pelo menos uma teta!

— Então toma. — Ergui a camisa da escola, mostrando meu tórax.

— Vacilão morre cedo, tá ligado? — ameaçou.

— Sua matéria favorita é Português? — Dei uma risada. — Não parece.

— Qual é, mano? Enfia o preconceito linguístico no rabo, tá ligado? A linguagem não precisa ser formal para que seja considerada um meio de comunicação. A língua é dinâmica, e todas as suas variações, incluindo as gírias, são adequadas para atender às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Eu posso dizer que você é ignorante, esnobe e antipático para caralho. E também posso dizer que é um mané, um mauricinho de merda e *cuzão* pra *carai*. Você consegue entender dos dois jeitos, não consegue?

Eu estava puto. Mas aquela foi a primeira vez que admirei Piolho.

Capítulo 3

— **F**oi mal — cedi, porque ele tinha razão. — Depois que sairmos daqui, eu deixo você ver uma das minhas revistas.

— Engole suas revistas, tá ligado? — Cruzou os braços, mirando a porta que nos separava da maior autoridade do colégio.

— Senhores. — Um homem baixo e calvo, que presumi ser o diretor, girou a maçaneta e surgiu diante de nós de repente, ao lado do professor.

Por instinto, fiquei de pé. Meu colega também se levantou.

— Tô zoando, mano, eu vou querer ver. — Usou um tom baixo, reservado para o meu ouvido.

Meus lábios prensados contiveram o riso.

— Qual é a graça, Max Vetter? — O diretor ergueu uma das sobrancelhas grisalhas.

— Nenhuma, senhor. — Neguei depressa.

A putinha fofoqueira que havia nos entregado seguiu adiante, deixando-nos ali sem dizer nada.

Tive medo de realmente levar uma suspensão ou até ser expulso!

Será que podiam cancelar a minha matrícula?

Felizmente, meu receio de perder a bolsa não se concretizou. Sequer fui

suspenso.

Fomos advertidos. No dia seguinte, teríamos que levar assinada por um responsável a comunicação escrita que nos foi entregue.

Meu pai ficaria decepcionado comigo, mas, pelo menos, o desgosto não seria tão grande quanto pensei.

Assim que fomos dispensados, meu colega e eu começamos a percorrer os corredores, com destino à sala de aula.

— O que seus pais vão fazer quando souberem disso? — Lancei a pergunta.

— Para fazer alguma coisa, meu pai teria que estar em casa, não do outro lado do mundo. — A mágoa em suas palavras deixou claro que aquela era uma situação recorrente. — É minha mãe que vai assinar. Ela vai me dar um esporro e vai ligar pra contar pro meu pai. E seus pais?

— Para fazer alguma coisa, minha mãe teria que estar viva, não no outro mundo — brinquei, na tentativa de amenizar o clima.

— Foi mal, mano. — Ele se comoveu.

— Tranquilo. Tem muito tempo que ela morreu. É meu pai que vai assinar. Ele vai me dar um esporro e vai dizer que estou de castigo. Vou ficar sem vídeo game e, com certeza, ele vai confiscar minhas histórias em quadrinhos, meu violão...

— *Cê toca violão? É muito difícil? Eu acho mó da hora. Queria aprender a tocar essa parada.*

— Eu aprendi sozinho — menti, escondendo o fato de que fazia aulas no Conservatório. — Demora um pouco até pegar o jeito, mas dá para aprender numa boa. Depois, posso te dar umas dicas, se quiser.

— Valeu! — Ele se animou. — Que HQs você lê?

— Várias. Tex, Conan e um monte de super-heróis... Meu favorito é o Homem-Aranha!

— Eu leio essas todas também. Mas tô interessado mesmo é em outro tipo de aranha... — E endereçou um olhar sacana à mochila em minhas costas.

Achei graça.

— Onde *cê* conseguiu? — Ele quis saber.

— Nas coisas do meu pai.

— Que sorte, mano! Direto eu fuço as coisas do meu velho e nunca acho nada no *carai* da casa! — A revolta dele me fez rir. — Quantas minas peladas *cê* já viu?

— Várias.

— E ao vivo?

— Um tanto — menti mais uma vez. — E você?

— Também.

Só podia ser mentira. Eu, que era boa-pinta, ainda não tinha visto nenhuma!

— *Cê* podia me mostrar a revista lá no banheiro! — sugeri, nitidamente ansioso.

— E ficar lá dentro enquanto você olha? Nem por um caralho! — resmunguei.

— Ah, é. — Ele pareceu compreender. — É melhor não, né, *vêi*? Eu ia querer ter minha privacidade, saca? Então, *cê* podia esperar do lado de fora. Tipo um vigia.

Ficar esperando o sujeito bater punheta do outro lado da parede? Nem por um senhor caralho.

Além disso, na minha cabeça, todas as gostosas das revistas eram minhas namoradas. E eu não queria dividir nenhuma com Espinhento.

— Espi... — comecei, disposto a dizer que havia mudado de ideia.

— Lucas — ele corrigiu.

— Lucas — repeti, sem conseguir associar o nome comum à figura excêntrica que caminhava ao meu lado. — Não sei... É um pouco estranho te chamar pelo nome. Sei lá, soa... sério demais.

— Eu não gosto de ser chamado de “Espinheiro”. — Meu colega foi categórico. — O povo lá da sala não vai com a minha cara, só porque eu sou *mó* inteligente, saca? Aí, ficam usando a minha aparência pra me sacanear. E eu nem sou tão feio assim, né, *vêi*? Só sou meio esquisito. E tenho essa cara com mais crateras que a lua. O resto é de boa. Não sei por que não tá chovendo minas na minha horta!

— Cara, esse seu cabelo não ajuda. — Fui sincero.

— Meu velho reclama toda vez que me vê. Eu *tava* pensando em deixar crescer, só pra pirraçar, mas tá ficando estranho, né, mano? Acho que vou cortar esse *carai*. Tá afugentando as minas mais que as minhas espinhas. — Riu da própria desgraça. — Falando nisso, mano do céu, por que *cê* não tem nenhuma espinha?

— Eu passo bosta no rosto. Uma vez por dia. — Sustentei um semblante neutro.

— Na moral? — Ele pareceu acreditar.

— Não, né, porra! — Dei uma risada.

— *Cê* é louco, meu? Eu já *tava* cogitando cagar na mão e passar na cara!

Gargalhei.

— Você precisa de outro apelido — concluí, ainda rindo. — Alguma coisa que combine com esse jeito... peculiar.

— Tipo o quê?

— Vou pensar.

Ficamos calados por um tempo, apenas caminhando pelo corredor.

— E aí? Cadê? — perguntou de repente, e levei alguns segundos para entender o motivo da euforia.

Tínhamos chegado ao banheiro masculino da nossa ala.

— Vai, mano. — Olhou ao redor. — Passa logo, que eu boto aqui debaixo da camisa! *Cê* fica aqui de tocaia, tá ligado?

— Não vou ficar aqui fora enquanto você bate uma aí dentro! — Expus minha indignação.

— Mano do céu! *Cê* quer entrar? — Ele se espantou.

— Claro que não, porra! — bradei, exasperado. — Sequer quero estar por perto enquanto você faz essa merda!

— Ah, saquei. — Ele riu. — Bem que *cê* podia me emprestar as revistas, então, né, *vêi*? Eu levo pra casa, boto a cobra pra cuspir e te devolvo amanhã.

Tive que rir da proposta absurda.

— Acha que vou deixar você esporrar nelas?

— E *cê* acha que eu vou querer gozar onde deve ter gozo seu, *carai*? — Ele se estressou.

— E você acha que eu gozei onde provavelmente tem gozo do meu pai? — Elevei a voz.

— Ah, *vêi*, que papo é esse, mano? *Cê* tá me broxando!

— Você está de pau duro? — Arregalei os olhos, sem baixá-los nem por um instante.

— Foi modo de dizer, *misera*! *Cê* é louco, meu? — ele berrou.

Acabei rindo, e Lucas riu também.

Era sinistro pra caralho, mas parecia que éramos amigos há muito tempo.

Eu até tinha me esquecido de que, menos de meia hora atrás, estávamos discutindo por causa de uma carteira.

Talvez por isso decidi, naquele momento, fazer algo que jamais pensei que faria.

— Entra aqui — chamei, dando alguns passos na direção do banheiro.

Já havia notado as câmeras espalhadas nos corredores. Provavelmente, captavam apenas imagens, e tudo o que eu não queria era que meu pai fosse chamado para uma reunião com a pauta “seu filho está distribuindo pornografia impressa, furtada do seu acervo pessoal, no interior do colégio”.

Após constatar que não havia ninguém nos mictórios e que todas as cabines estavam desocupadas, tirei rapidamente a mochila das costas e abri o zíper que protegia o meu tesouro secreto.

— Cê vai fazer o que eu tô pensando? — Lucas se empolgou, já tirando uma das alças do ombro.

— Você precisa tomar muito, muito cuidado. Se alguma coisa acontecer com ela... — Puxei uma das revistas, protegida por um saco transparente.

— Cê vai me emprestar só uma? — Um pouco da animação se esvaiu.

— Primeiro, preciso saber se posso confiar em você. Se devolvê-la do jeito que entreguei, posso pensar em te emprestar outras. — Olhei para a porta, certificando-me de que ninguém estava entrando, e repassei a preciosidade que tinha em mãos.

— *Carai*, meu... — Pareceu hipnotizado ao ver a capa.

Diante dos olhos dele, estava uma loira tetuda, toda bronzada, de pernas abertas.

— Guarda logo essa porra — exigi, antes que a barraca ficasse armada.

Meio chocado e entusiasmado, ele a colocou dentro da mochila.

— Regra número um — comecei a elencar. — Quando estiver quase terminando o serviço, afaste-se o suficiente para que nenhuma gota caia no papel. Regra número dois: sempre lave as mãos antes de tirar a revista do plástico e antes de guardá-la de volta. Jamais, em hipótese alguma, pegue nela com as mãos esporradas. Regra número três: se eu sonhar que você descumpriu uma das regras anteriores, arranco seu pinto e enfio no seu cu. Fui

claro?

— Eu entendi, mano — respondeu, rindo.

Na manhã seguinte, ele chegou com o cabelo cortado.

No intervalo, me devolveu a loira tetuda, e eu lhe entreguei uma morena com um rabo que puta que pariu...

À medida que a nossa amizade ia evoluindo, eu ia emprestando outras edições, até ter emprestado todas.

Então, chegou o dia em que eu lhe dei uma das minhas revistas de presente.

Já estávamos no segundo bimestre do ano letivo e eu ainda não fazia ideia de que ele era irmão da garota que, secretamente, eu admirava todos os dias.

Ainda não tinha reunido a coragem necessária para conversar com ela. Era três anos mais velha. Estava no ensino médio! E eu, ainda no fundamental.

Àquela altura, eu já tinha ficado com várias colegas depois da aula, mas, apesar do tesão absurdo, nunca ia adiante, porque não dava para transar na rua e muito menos dentro do colégio ou em suas dependências.

Tinha um leve receio de fazer alguma coisa errada e, definitivamente, tudo o que não queria era ser flagrado durante a minha primeira vez.

Por mim, podia acontecer com qualquer uma. Não fazia a menor diferença, desde que fosse gostosa. Mas eu estava ligeiramente obcecado pela menina dos longos cabelos castanho-claros.

Em certa manhã, tinha acabado de chegar quando avistei Lucas no pátio, conversando com ela. Na verdade, os dois pareciam estar discutindo.

De repente, ela se virou e saiu batendo os pés. Antes de dedicar toda a minha atenção à bunda destacada na saia do uniforme, vi meu amigo erguendo os dois dedos médios para as costas da garota.

— Mano, eu queria poder enforcar minha irmã sem ser preso — ele disse, quando me aproximei.

— Ela é sua irmã? — Não escondi a surpresa. — Essa gata que acabou de sair daqui é sua irmã?

— Ela é feia e chata pra *carai*. — Começou a andar rumo à nossa sala.

— Ela é gata pra caralho! — retruquei. — E duvido de que seja chata.

Eu mal sabia que, na verdade, ela era insuportável; um pé no saco que me incomodaria durante anos.

— Como eu nunca soube que ela é sua irmã? — indaguei, perplexo.

Eu me lembrava muito bem de quando a vi saindo do carro. E tinha flagrado sua chegada em outras ocasiões. Sempre chegava sozinha!

— Drica vive dizendo que eu sou bizarro demais para andar com ela. Só fala comigo aqui na escola quando precisa de alguma coisa. A gente vem pra cá em carros separados, com motoristas diferentes, saca? — explicou, nem um pouco abalado.

Isso deveria ter me alertado para o fato de que Adriana não era a melhor das pessoas.

Mas, naquela idade, eu só queria saber de peito, bunda e boceta.

— Cara, você podia me apresentar pra ela — propus, do alto da minha inocência juvenil.

— *Cê é louco, meu?* — Ele riu. — Drica não fica com *boys* da nossa idade. O lance dela é pegar os caras do terceiro ano.

— Mas eu sou boa-pinta, né, porra? E praticamente da altura daqueles desgraçados! Além disso, sou inteligente pra caralho. E tenho uma puta rola. — Ressaltei minhas qualidades.

Lucas gargalhou.

— *Cê tá se achando demais, véi.* Só porque seu boletim tá melhor que o meu!

Eu não fazia ideia de como ele conseguia levar isso numa boa. Se um

aluno novo chegasse e tirasse notas melhores que as minhas, eu ficaria tão puto que viraria madrugadas estudando, até os olhos sangrarem. Lucas estava tranquilo. Mas minha natureza era tão competitiva que eu já estava bolando jeitos de superar a mim mesmo no próximo bimestre.

— *Cê* pode até tirar notas mais altas que as minhas, tá ligado? Mas minha rola ganha da sua, mano. Isso eu garanto. Na moral.

Foi a minha vez de gargalhar.

— Eu sou um jegue, caralho. Se você fosse maior que eu, teria que andar com a rola enrolada na cintura!

— Como *cê* adivinhou que eu tenho uma anaconda enrolada aqui na cintura? — brincou, fingindo que ia levantar a camisa.

— É sério, porra. Arranja um jeito de me apresentar pra sua irmã — insisti, disposto a conquistar o objetivo.

— Se eu não me engano, *cê* comentou que tem uma irmã que vai fazer quinze anos em breve, né, *vêi*? — ele insinuou, e eu fechei a cara.

— Susanne não é pro seu bico — rosnei.

— Ah, mas a minha irmã é pro seu bico, né, malandrão? — Deu uma risada. — A sua sorte é que eu sou *mó* de boa em relação às minhas irmãs.

— Tem mais de uma? — perguntei, interessado.

— Duas. Andressa já está na faculdade — informou, tranquilamente. — Vou te apresentar pra Drica. Mas, quando ela mandar você ir pastar, não quero *chororô* no pé do meu ouvido, tá ligado?

— Pode deixar que eu meu garanto. — Eu me gabei.

Naquele mesmo dia, na saída do colégio, fomos apresentados.

Adriana me olhou de cima a baixo e pareceu gostar do que viu.

Então, a anta que chamo de amigo contou que eu era seu colega de sala.

— O quê? Você tem treze anos? — Os olhos dela se esbugalharam. —

Obrigada pelo interesse, querido, mas não fico com garotos que cheiram a leite. — Virou as costas e saiu andando, misturando-se aos alunos que transitavam pelo passeio.

Não tive a chance de oferecer a réplica sacana que despontou em minha língua.

— Eu avisei, né, mano? — Lucas achou graça.

— Por que você abriu a boca para dizer que nós somos colegas, porra? — resmunguei.

— Foi mal, *vêi*. Foi sem querer, tá ligado?

— Foi sem querer, tá ligado? — arremedei, e ele riu.

Até aquele momento, nenhuma menina tinha se recusado a ficar comigo. As mais bonitas sempre queriam me dar uns beijos. Algumas já tinham até chupado o meu pau!

— Escreva o que estou dizendo. Eu vou perder a virgindade com a sua irmã — afirmei, fixando a ideia na cabeça.

— *Cê* ainda não perdeu o cabaço? — Perplexidade dominou suas feições.

— Nem você! — acusei.

— É, mas eu não sou pintoso que nem você, né, mano? Se for parar pra pensar, faz sentido eu ser um virjão.

— Pelo visto, vai continuar sendo um pelo resto da vida — falei, sem saber que minha obsessão em transar com Drica me manteria virgem por um bom tempo.

A cada dia, minha amizade com Piolho avançava mais um nível.

Ainda demoraria um pouco para que eu cunhasse o apelido, mas, no final do segundo bimestre, já nos referíamos um ao outro como “Quenga”.

Ele vivia na minha casa e já tinha caído nas graças da minha família. Passava alguns fins de semana com a gente, na fazenda de meu pai.

Lá, em muitas tardes de domingo, estávamos na nossa S.H.I.E.L.D., também conhecida como casa da árvore, lendo HQs, enquanto o sol iluminava o campo de girassóis que se erguia ao redor.

— Mano, se as partículas Pym já fazem o cara encolher a ponto de ficar do tamanho de uma formiga, imagina o que esse *carai* faz com o pau dele, *véi*. Tipo, *cê* consegue imaginar? — ele perguntou, em uma das ocasiões, com uma HQ do Homem-Formiga aberta sobre as pernas.

— Não preciso, Quenga. Se você se levantar e abaixar as calças, vou saber exatamente como é um pinto Pym. — Dei uma gargalhada.

Ele riu também.

— Mano, *cê* tá iludido, tá ligado? Eu posso até ser judiado, mas tenho uma anaconda cuspideira entre as pernas. *Cê* tem essa carinha de boneca, mas aposto que *cê* é japonês, *véi*. É metido a alemão, mas é a versão japonesa do Ken. E, obviamente, não tô falando de *Street Fighter*. — Ele soltou uma risada.

— Depois que eu traçar sua irmã, você pergunta pra ela — respondi, virando a página da minha edição nova do Demolidor.

A minha primeira vez aconteceu na casa dele, justo quando eu tinha desistido de transar com sua irmã.

Alguns dias antes, eu havia pedido que a convidasse para o aniversário de quinze anos de Susanne. Tinha esperanças de que aconteceria na festa, quando eu poderia levá-la para o meu quarto sem levantar suspeitas.

Em vez disso, quem transou lá pela primeira vez foi a folgada da minha irmã, com o puto do meu cunhado! Mas isso não vem ao caso.

Adriana foi à festa. E eu fiquei de olho nela, esperando o momento ideal para me aproximar. Só que Plínio tinha levado um amigo da faculdade. De Medicina.

Depois de ver o sujeito usando o corpo dela para estudar anatomia, cheguei à conclusão de que, se podia ficar com caras de dezoito anos, Drica jamais

ficaria com um de treze.

O orgulho e o despeito me obrigaram a deixar pra lá. Ia, finalmente, tentar alguma coisa com uma das minhas colegas.

Estava até bolando um plano para levar uma delas para a minha casa em uma ocasião propícia. Precisava ser no dia de folga de Lili. Durante o dia, meu pai nunca estava. Susanne, sim. Tudo o que eu tinha que fazer era pensar em um jeito de tirar minha adorável irmã de casa.

Mas não precisei arquitetar nenhum plano infalível.

Em uma terça-feira à tarde, estava na mansão dos Guerratto, fazendo um trabalho escolar com meu colega e amigo. Em certo momento, levantei-me para ir ao banheiro.

Aquela casa tinha uns vinte! E entrei justamente no que Drica escolheu para entrar de repente, pouco depois de mim.

Eu não havia trancado a porta, e ela me flagrou com o pau na mão. Duro.

Eu era a porra de um adolescente com os hormônios à flor da pele e, minutos antes, Andressa, a outra irmã, tinha passado pela sala. De biquíni.

Fiz o que qualquer garoto faria naquelas circunstâncias. Assim que ela desapareceu do nosso campo de visão, inventei a desculpa de que precisava mijar.

Na verdade, eu precisava de duas coisas: esconder o volume e dar uma aliviada no tesão provocado por aquela bunda dentro daquele fio-dental.

Quando me pegou batendo uma encostado na parede, Drica entrou e trancou a porta.

Prefiro não descrever a cena em detalhes. Mas basta dizer que, nem em meus sonhos mais loucos e nem em minhas mais intensas poluições noturnas, eu imaginei que perderia a virgindade comendo uma mulher por trás, contra a pia de um banheiro.

Também é necessário dizer que, desde que botei na cabeça que queria

transar com ela, eu vivia com camisinhas nos bolsos das calças.

A experiência não foi particularmente marcante. Porém, era algo novo.

Fazer sexo pela primeira vez costuma apresentar as pessoas a um mundo outrora desconhecido, que é tão extraordinário que precisa ser profusamente explorado.

Enfiar o pau em uma boceta foi tão surreal para mim que, por um instante de pura demência, eu achei que estivesse apaixonado por ela.

E, no mesmo dia, acabei pedindo-a em namoro, para ouvir um sonoro “não”.

Ter me interessado por Drica foi um dos piores erros que cometi.

Mas, depois disso, tudo mudou.

Capítulo 4

A primeira vez geralmente transforma um adolescente em um pavão.

Ou na porra do sol.

Era como eu me sentia.

Estava tão arrebatado pela novidade que, no auge da minha estupidez, criei uma regra para Tito e Plínio. Nenhum dos dois podia transar com Drica.

Então, eu a pedi em namoro e fui sumariamente rejeitado.

Mas o universo sempre dá um jeito de acertar as contas.

Quando me dispensou, ela não fazia ideia de que eu me tornaria um homem que poderia ter a mulher que quisesse.

E, quando isso aconteceu, eu queria todas. Menos ela.

Não me orgulho em dizer que, muitos anos depois, sua insistência em transar de novo comigo acabou resultando em um boquete, que aconteceu por todas as razões erradas.

Foi uma atitude imbecil e impensada, ocorrida em um contexto específico. Naquele instante, tudo o que eu queria era tentar esquecer a mulher que estava virando a minha vida de cabeça para baixo e, ao mesmo tempo, colocando-a, finalmente, nos eixos.

O acontecimento lamentável é algo que, até hoje, minha linda esposa não me deixa esquecer e um ato do qual me arrependerei até o meu último dia na

Terra.

Porém, serei eternamente grato à rejeição que me levou a transar com muitas garotas aleatórias em meus tempos de moleque.

Fui aprendendo uma porção de coisas. Fiquei bom. Bom pra caralho. E minha fama espalhou-se pelo colégio.

Logo criei uma nova regra; uma para mim mesmo. Eu transava com todas e apenas uma vez com cada uma. Quando transava comigo, a garota sabia que não transaria de novo. Não adiantava insistir. Max Vetter não repetia figurinha.

Nascia um devasso.

Foi nessa época que Piolho passou a me chamar de “Putão”.

E eu passei a chamá-lo de “Piolho” logo depois que ele decidiu deixar o cabelo crescer. De novo.

Sua relação com o pai não era das melhores. E, naquele período, estava ainda mais complicada.

Lutero Guerratto era um poderoso empresário que tinha muitas expectativas em relação ao filho. Mas meu amigo não se encaixava muito bem nos planos paternos e, no ápice da puberdade, fazia tudo o que estava em seu alcance para irritar o velho.

Sem muita opção, resolveu fazer o que sabia que dava certo.

Não dei muito crédito, certo de que, mais uma vez, ele desistiria antes mesmo de começar.

Seu cabelo estava de novo naquela fase bizarra quando começou a namorar Analu.

Foi sua primeira namorada, e ele a conheceu durante as nossas aulas de violão.

Depois que contei que tinha um professor, começamos a fazer Conservatório juntos, ainda no início da nossa amizade.

Ele passava na minha casa e íamos a pé para o local, que ficava no meu bairro.

Naquela época, eu vivia zoando meu amigo, dizendo que, por ser filho de um bilionário, ele poderia ser sequestrado a qualquer momento e que os sequestradores decepariam as bolas dele e enviariam ao magnata que ele chamava de pai dentro de uma caixa.

A zoeira inofensiva logo se transformou em um pesadelo corriqueiro, que se iniciava sempre da mesma forma: eu ligava a televisão em uma segunda-feira de manhã, antes de ir para o colégio, e me deparava com um noticiário qualquer. Então, o repórter dizia algo que me fazia, de modo cinematográfico, derrubar a xícara de café em câmera lenta.

O vidro chegava ao chão com um estrondo, enquanto o jornalista comunicava que Lucas Larozzi Guerratto, o filho adolescente do mais bem-sucedido empresário brasileiro, estava desaparecido.

Diante dos meus olhos, os dias se passavam como areia em uma ampulheta, e os telejornais do país inteiro passavam a anunciar que o sumiço do garoto era, na verdade, um sequestro.

Finalmente tinham entrado em contato e solicitado uma quantia abusiva em troca do resgate, mas nem o dinheiro nem os esforços da polícia e tampouco o apoio midiático foram suficientes para libertá-lo com vida durante a operação.

Então, anos se passavam no sonho, e a morte do meu melhor amigo era esquecida por todos. Menos por mim.

Quando o pesadelo vinha, eu sempre acordava no meio da noite com a terrível sensação de que ele estava morto. Em plena madrugada,urgia em mim a necessidade de telefonar para conferir se estava tudo bem.

— Mano, é sério que *cê* tá me ligando de novo antes de o galo cantar, *vêi*? Me deixa comer as minas em paz, meu! — ele berrou, em uma das ligações.

A tensão, que, até aquele momento, mantinha minha respiração em

suspenso se esvaiu, liberando o fôlego preso em meus pulmões.

— Não sei que minas, porra! Você é um virjão que paga de comedor, mas não fode ninguém, Piolho! Larga de ser cabaço, Quenga! — brinquei, aliviado.

— *Cê* que é virjão, mano! Só o que *cê* faz é bater punheta o dia todo, até esfolar o pinto, tá ligado? — Ele riu.

E estava certo. Eu ainda não havia transado com sua irmã, e tudo o que fazia era bater umas para as minhas namoradas imaginárias de papel.

— Virjão é a puta que te pariu, seu donzelão! — devolvi, disposto a não deixar barato.

— *Cê* tá por fora, mano. Eu tô pegando umas minas aí, *véi*. Tô cheio dos esquemas, meu.

— Meu pau de óculos que tá!

— É sério, mano! Tá chovendo minas na minha horta, tá ligado?

— Sei... A loirinha do conservatório tá incluída nesse seu harém? — perguntei, sabendo que não.

Já tinha percebido que ele gostava dela, mas não tinha coragem sequer de conversar com a garota.

— Analu? — Acabou se fazendo de otário.

— Minha avó, Piolho — ironizei. — Já que você não tem colhões pra chegar junto, quer que eu jogue a real nela?

— Na sua avó? Não, mano, valeu. — Deu uma risada.

Minha avó tinha morrido há muitos anos. E, infelizmente, naquela época, meu avô ainda não tinha conhecido vó Ercília, sua segunda esposa e uma das melhores pessoas que eu já conheci. Mas, dali a alguns anos, ela apareceria em nossas vidas e alegraria a todos, até partir para sempre, sem, contudo, jamais deixar meu coração.

— Nesta semana a gente aprendeu a tocar umas músicas do *Guns*, né, *vêi*? Se eu pedir com carinho, *cê* toca uma pra mim? — Piolho brincou, mudando os rumos da conversa.

— Que porra é essa? Tá me confundindo com Analu? — Rindo, retomei o assunto.

— Fica *sussa*, que *cê* sempre vai ser minha loirinha favorita, tá ligado? — Ele gargalhou.

Nossos papos costumavam durar a madrugada inteira, porque as zoeiras nunca tinham fim. Na manhã seguinte, estávamos feito dois zumbis na escola.

Continuei ligando sempre que o pesadelo me acordava e, meses depois, quando eu já era um devasso adolescente, passamos outra noite falando merda ao telefone, mesmo tendo que acordar cedo para a aula.

Durante a troca de professores, Piolho olhou para a carteira ao lado, onde eu me sentava desde o primeiro dia, e falou, em voz baixa:

— Hoje eu vou contar pra Analu que tô gamado nela.

— O caralho que vai — duvidei, com a lateral do rosto colada na mesa.

Àquela altura, ele já havia tentado várias vezes. E sempre amarelava antes de abrir a boca.

De outras garotas, conseguia se aproximar. Inclusive, já tinha ficado com algumas meninas. E, como andava comigo, muita gente pensava que ele também era um comedor.

Não sei muito bem em que momento Piolho perdeu a virgindade, porque, quando aconteceu, a Quenga ficou quieta. Eu fingia achar que ele havia perdido antes ou na mesma época que eu, mas sabia que tinha sido bem depois. Caso contrário, o puto teria se gabado, como eu fiz questão de fazer.

— É sério, mano. Dessa vez... — bocejou e continuou falando durante o bocejo.

— Não entendi nada, porra — resmunguei, bocejando também.

— Eu disse que dessa vez vai dar certo, *carai*. Eu treinei um monte no espelho, tá ligado?

Deixei escapar uma risada sonolenta.

— A próxima aula é de quê mesmo? — perguntei, cerrando as pálpebras pesadas apenas por um instante.

— Matemática.

— Que maravilha — ironizei.

— *Cê* estudou pra prova?

— Que prova? — No mesmo segundo, ergui a cabeça, esbugalhando tanto os olhos que não sei como não saltaram das órbitas oculares. — Tem prova hoje? Puta que pariu, eu tô passando mal! — Levei a mão ao peito, sentindo o ritmo alucinado das pulsações na palma aberta.

Podia sentir o sangue se esvaindo das minhas veias e o ar errando o caminho dos meus pulmões.

— Passando mal? O que você tem, menino? — A professora escolheu aquele exato momento para adentrar a sala.

Jogou o material no chão e correu para me acudir, enquanto meus colegas nos cercavam.

Comecei a respirar com dificuldade.

— Max? Fala comigo! O que houve? — O rosto preocupado fitava o meu.

— A prova — murmurei, enquanto a mulher pousava a mão em minha testa gelada.

Por que meu melhor amigo estava rindo tanto, se eu estava morrendo?

— Prova? Que prova? — ela perguntou, confusa.

— Mano do céu! Não tem prova nenhuma, *véi*! Eu só queria que *cê* ficasse esperto! — Piolho gargalhou.

Subitamente, eu me recuperei.

— Filho da puta! Quase que eu tenho um infarto aos treze anos, caralho!

— Max Vetter! — A professora bradou, adquirindo uma fisionomia repreensiva. — O que eu já disse sobre esse palavreado em sala de aula?

— Que não devo usá-lo, senhora — respondi de imediato. — Peço, por favor, que me perdoe. Saiba que o meu amor pela sua matéria é igual ao número Pi. Irracional e sem fim. — Mostrei-lhe um sorriso.

— Você não tem jeito, menino. — Rindo e balançando a cabeça, ela foi se afastando.

O grupo de alunos ao redor se dispersou, e eu estreitei os olhos na direção de Piolho.

— Putão, eu não gosto de Matemática, mas de você eu dou conta, tá ligado? — Piscou um olho.

Ele sempre dava um jeito de me fazer rir quando eu estava puto. E eu acabava entrando na brincadeira e me esquecendo da sacanagem anterior.

— Quenga, eu também não gosto de Matemática, mas gosto da Química que rola entre a gente — devolvi, rindo.

— E de História, *cê* gosta? — ele continuou zoando.

— Gosto, por quê? — Entrei no jogo.

— Porque tudo o que eu quero é viver a nossa, gato.

Gargalhei.

— Max, já chega, querido — a professora ralhcou, em seu típico tom gentil. — Bom dia, turma. Vamos começar a aula...

Mais tarde naquele mesmo dia, Piolho realmente tentou falar com Analu mais uma vez.

E fracassou... de novo.

— Mano do céu! — Voltou correndo, sentando-se ao meu lado no banco. — Eu não consegui, *carai*. Congelei. Ela *tava* muito linda afinando o violão,

vêi. Nunca que uma mina daquelas vai dar moral pra mim, tá ligado?

— Por que não? — Tive vontade de rir, mas fiquei sério. — Piolho, você não é tão desgraçado assim, porra. Só tem esse monte de espinhas na cara. Isso aí vai sumir com o tempo. E você não vai ser essa vara de cutucar manga a vida toda. Eu vou entrar na academia assim que o meu pai deixar. E você vai comigo. A gente vai ficar mais foda que o Capitão América. E você vai deixar o cabelo crescer e vai ficar tipo o Thor.

— Pra você é fácil falar isso, né, Quenga? *Cê* faz *mó* sucesso com as minas. Só pega mina gata. Eu pego as que me dão moral. *Shape* e cabelão não vão me transformar no Thor, *carai*!

— Tem razão — concordei. — Vão te transformar no Piolhão que as minas piram, tá ligado?

Ele riu.

— Mano, para de me iludir, *vêi*. Mesmo se isso acontecesse, aconteceria daqui a um milhão de anos. E eu tô precisando pegar mina é agora, *carai*.

— Você já tem o que precisa, Piolho. É um cara inteligente; o *segundo* melhor aluno da sala — frisei, para não perder o costume. — Fala inglês e italiano com fluência. Está aprendendo a falar francês e espanhol. Sabe tocar violão. É um rico que não gosta de ostentar a própria riqueza. É engraçado pra caralho. Enfim... Você tem uma porrada de habilidades e qualidades.

— Mano do céu... Se eu soubesse que *cê tava* tão a fim de mim, já teria te beijado, Quenga! — Agarrou meu pescoço e começou a fingir que ia enfiar a língua na minha boca.

— Sai pra lá, porra! — Encrespei, afastando a cabeça.

Piolho parou de fazer graça e se levantou, olhando na direção da sala.

— Mano, eu acho que vou tentar de novo.

— Não. Você não vai tentar. Vai conseguir, caralho! — Ficando de pé, bati em suas costas.

Cinco minutos depois, ele voltou, arfante e contente.

— Putão, eu chamei Analu pra tomar sorvete depois da aula, e ela aceitou!
Carai, meu!

— *Aê*, porra! — comemorei.

— Mano, eu te amo, tá ligado? *Cê* é o melhor amigo do mundo, *vêi*!

— Eu sei. — Sorri, convencido. — Mas vá amar a puta que te pariu. —
Fechei a cara, e ele deu uma risada.

Depois de todo aquele tempo tentando se aproximar da menina, a paixão platônica logo se transformou em um namoro que acabou não durando muito. Pouco depois de começarem, os dois terminaram.

Na época, Piolho achou que o motivo do término foi sua decisão de deixar o cabelo crescer.

Como estava determinado a enfurecer o pai, ele foi adiante. Os fios que começavam a cobrir suas orelhas novamente adquiriram um comprimento um pouco maior e... estranho.

Definitivamente, aquela não foi sua melhor fase.

Ao conversar com a namorada a respeito, meu amigo contou que sua intenção era deixar as madeixas crescerem até ficarem longas. Então, a garota terminou com ele.

Eu não tinha certeza se os dois já tinham transado. Sempre que perguntava, Piolho se esquivava com um assunto ou zoeira qualquer, o que me levava a crer que não. Mesmo assim, tirei um sarro ao dizer que ela havia caído fora porque ele não estava sabendo comer. Ele rebateu com mais zoação.

Com o passar dos dias, embora aparentasse estar levando numa boa, era nítido que estava baqueado.

Mas nem isso foi o bastante para fazê-lo desistir da ideia de deixar o cabelo crescer. Não sei se ficou realmente animado com a ideia de deixar as “minas piradas” ou se apenas queria continuar pirraçando o pai. Talvez um

pouco das duas coisas.

E, certamente, valeu a pena. Tanto pelas mulheres quanto para provocar o velho.

Anos depois, quando já era o famigerado “Piolhão da Surubada”, descobriu que tinha dedo do pai em seu término com Analu.

Lutero havia conversado com o pai da garota, que era nosso professor de violão, e exigira que o sujeito fizesse a filha terminar o namoro. Não queria que seu herdeiro namorasse uma menina supostamente interessada no dinheiro da família.

Um dos maiores medos dele era o de o filho acabar engravidando alguém em busca de dar o “golpe do baú”.

Piolho nunca olhou para a condição financeira ou posição social das pessoas antes de iniciar um namoro ou amizade. Para ele, todas eram pessoas, de forma indistinta.

Uma vez, cometeu a burrada de transar sem camisinha com uma das namoradas. A menstruação da garota atrasou, e ele entrou em pânico.

— Mano do céu! Deu merda, Quenga! Eu tô na merda, *carai*! Fodi no pelo e acho que embuchei uma mina, *véi*! — Chegou contando.

Éramos jovens demais, e eu sequer consegui zoar.

— Você não tem um pinga de responsabilidade, Piolho? Eu já falei mil vezes para andar com camisinhas nos bolsos, desgraçado! Onde estava a porra da sua cabeça? Enfiada no cu? E não estou falando da estúpida cabeça da sua rola! Porque, se ela estivesse enfiada no cu da garota, essa merda não estaria acontecendo! Eu sou novo demais para ser padrinho, caralho! Puta merda, eu tô passando mal! — Tudo o que fiz foi xingar o filho da puta e levar a mão ao peito.

Foram dias sombrios, que se tornaram iluminados no instante em que ficaram vermelhos.

Ao longo dos anos, meu amigo namorou algumas mulheres, enquanto eu seguia a minha regra à risca.

Aos dezessete, perdi meu pai. Aos vinte e sete, ele fez as pazes com o dele, depois de todas as rusgas e desavenças. Com a mesma idade, conheci a mulher da minha vida.

Dias depois de completar vinte e oito, eu me casei com ela.

Em Las Vegas, Piolho se casou com a dele.

Na mesma época, fomos pais. E padrinhos.

Vinte e sete anos depois, minha filha se casou com o primogênito do meu melhor amigo. Em seguida, foi a vez de sua filha caçula e de meu filho mais novo subirem ao altar.

Então, vieram os netos.

Em todo esse tempo, não se passou um dia sem que eu me sentisse extremamente grato à *Play... toy* e àqueles dois garotos de treze anos que, a caminho da sala do diretor, não faziam ideia de que estavam prestes a viver a melhor história de todas.

Fim

Agradecimentos

Agradeço imensamente ao apoio dos meus leitores, que vivem me enchendo de pedidos para escrever mais sobre esses personagens que tanto amo.

Suas mensagens e comentários estão sempre me motivando a trazê-los de volta em novas aventuras, ainda que breves.

Dessa vez, fui especialmente incentivada por Carla Freitas, uma das leitoras maravilhosas que administram, com muita dedicação e carinho, o grupo ODDAL.

Muito obrigada por ser tão incrível comigo, Carla!

A todos os participantes e a todas as outras administradoras lindas estendo a minha imensa gratidão, por tudo o que fazem por mim e pelas minhas histórias.

Espero que tenham gostado do conto!

Sobre a autora

Kenya Garcez lê compulsivamente e escreve com paixão. Louca por romances românticos, constantemente se apaixona pelos heróis fictícios e se identifica com as mocinhas irreverentes e geniosas das histórias.

“O Devasso Mora Ao Lado”, seu romance de estreia, conquistou milhões de leituras on-line e milhares de leitores, cujo interesse por mais obras relacionadas aos personagens do primeiro livro culminou na criação do spin-off “O Descarado Dorme Ao Lado” e, posteriormente, no lançamento do conto “A Melhor Noite do Ano”.

Outras obras



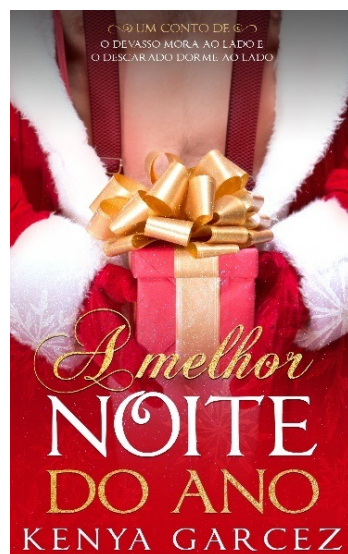
SINOPSE: Desempregada, com a despensa vazia, o carro caindo aos pedaços e a ordem de despejo em mãos, Olívia Dutra está no fundo do poço e, sem namorado, amigos ou parentes vivos, não tem a quem recorrer. Mas, e se um telefonema mudasse sua vida? E se, de repente, um salvador bonito feito um deus e libertino como o diabo caísse do céu? E se o devasso morasse ao lado?

Para comprar o livro, clique [aqui](#).



SINOPSE: Aos trinta e três anos, Sofia Theloni não está à procura do príncipe encantado que sua mãe sonha, há tanto tempo, em ter como genro. Independente e bem-resolvida, está mais que satisfeita com sua rotina no trabalho e com suas breves relações descomplicadas. Mas, e se uma viagem mudasse sua vida? E se, de repente, um estranho lindo feito uma estátua grega e sedutor como o pecado complicasse tudo? E se o descarado dormisse ao lado?

Para comprar o livro, clique [aqui](#).



SINOPSE: Neste Natal, os personagens dos livros “O Devasso Mora Ao Lado” e “O Descarado Dorme Ao Lado” se reúnem para celebrar a melhor noite do ano.

Para comprar o conto, clique [aqui](#).

Contato

Agora que você já leu “A Melhor História De Todas”, por favor, classifique o conto deixando a sua avaliação na Amazon! Seu *feedback* é importantíssimo para mim!

Sinta-se à vontade para enviar críticas, sugestões, apontamentos, opiniões e eventuais perguntas também no meu e-mail: autorakenyagarcez@gmail.com.

Para manter-se informado (a) sobre futuras obras, acompanhe-me nas redes sociais:

[Twitter](#)

[Instagram](#)

[Facebook](#)

[Fanpage](#)

[Wattpad](#)